

A Máscara no Paralelo Onírico d’“Os Alicerces da Realidade” de José Régio¹

Maria José M. Madeira D’Ascensão
Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal

Resumo:

Visando a literatura de José Régio, Eugénio Lisboa refere que todo o seu texto é “habitado por toda uma teoria de heróis devorados pela necessidade de verem e fazerem ver. Mas são frequentemente personagens complicados e minados por uma lucidez corrosiva” (Lisboa, 2001: 74-75). No conto “Os Alicerces da Realidade” da autoria do célebre escritor do séc. XX, é-nos apresentado um protagonista desenhado com linhas intrincadamente complexas e com traços de loucura, resultantes da corrosão do ser profundamente lúcido.

De facto, na diegese de “Os Alicerces da Realidade”, Silvestre, a personagem principal, representa um funcionário público aposentado aparentemente vulgar que, no decurso de uma vida pacata, gradualmente sofre episódios de alucinação. Esta personagem masculina acaba por atribuir a tais delírios uma lógica possível – para ele a única – real e exequível: a de que estaria a vivenciar um sonho. Adota, então, indiferente à sociedade circundante – caracterizada como falsa, mordaz, pseudo-intelectual, repressora inquestionável – atitudes rebeldes, de alienação e de destempero que acabam por prognosticar nada mais do que a factualidade de um distúrbio de carácter psiquiátrico.

Com efeito, esta personagem repudia a sanidade mental, assumindo clara e obsessivamente a demência. Na verdade, resignado passivamente ao despertar do sonho, acomoda-se na alienação, como fuga à realidade enfadonha e dissimulada. Assim, em diversos episódios, entrando num jogo perturbador, porém viciante, o protagonista experimenta diferentes “máscaras”: vários provocadores e rebeldes – por isso, tão convidativos – “oníricos” Eus, que se opõem a um Eu real monótono e passivo. Na verdade, este último representa nada mais do que o Eu social, subjugado aos preceitos de uma sociedade impassível, zeladora daqueles que considera ser os bons hábitos e costumes e, por isso, norteadora de determinados padrões comportamentais coletivos e punidora daqueles que os não cumprem.

Com esta comunicação, visamos analisar, não só o vasto e complexo plano onírico que constrói os alicerces da realidade deste herói regiano, como – e principalmente – o tema da máscara e do disfarce, na medida em que Silvestre, furtando-se da realidade que o rodeia, é dominado pela frustração mental que consequentemente o leva até à loucura e à auto-construção de vários Eus. De facto,

¹ Comunicação apresentada no dia 11 de novembro de 2015, no “II Congresso Internacional de Cultura Lusófona Contemporânea” (10 a 11 de novembro de 2015), organizado pela Escola Superior de Educação — Instituto Politécnico de Portalegre.

visamos, assim, enquadrar a temática da “máscara regiana” que nítida e inequivocamente se evidencia neste conto, pois que o seu protagonista visa a adoção de uma máscara de “sobrevivência” – um outro Eu –, para assim contrariar uma sociedade camuflada e estranguladora da sinceridade, da independência e da individualidade genuína, obreira do singular, único e genuíno Eu.

Palavras-Chave: José Régio, Personagem, Máscara e Individualidade



“Muitas vezes, connosco ou uns com os outros, nos agitamos como cegos desvairados, falamos como doidos que as palavras traem, incapazes de apreenderem sequer a lucidez implicada na sua própria loucura.”

José Régio, *Há Mais Mundos*

No conto “Os Três Vingadores ou a Nova História de Roberto do Diabo”, presente na colectânea de contos *Há Mais Mundos*, a última antologia de contos da autoria de José Régio, destaca-se um pequeno excerto em que uma personagem tece reflexões acerca da complexidade da *psiqué* humana (Régio, 1973: 42-43):

“Tanto mais duvidamos quanto mais sabemos, ou julgamos saber. E sobre nós mesmos, homens, se torna ainda maior a nossa perplexidade! Por certo somos mais complicados que as pedras e as plantas, os animais a que negamos razão e até os fenómenos siderais. Quem sabe? Talvez nos nem convenha sabermos demais sobre nós mesmos! Pelo menos, divulgar-se demais tal sabedoria. Talvez, também, nos aterre a penetração excessiva em mundos ainda escuros, incluindo os que em nós próprios se prolongam para além, para aquém, dos nossos gestos e palavras, da nossa actividade diária, dos nossos tratados sobre as faculdades da alma. Talvez, até, nos seja vedado ultrapassarmos certos limites: Podem não ser convenientes à nossa vida no orbe. Decerto há mais mundos que os já descobertos, conhecidos, sonhados!”

A personagem deste conto considera, assim, que o Ser humano está dotado de contornos complexos ainda por deslindar, não só devido à ampla sofisticação das “faculdades

da alma”, como ao carácter extravagante da sua individualidade, traços de vivência tão inconvenientes à vida em sociedade.

Esta figura ficcional ainda legitima o subterfúgio do Ser humano na desorientação e na ausência de auto-domínio quando experimenta determinadas situações limite. Então, nesses traços de loucura irrefreáveis –acrescenta– aflora a própria lucidez (Régio, 1973: 43):

“Porém o nosso espírito recua, o nosso entendimento vacila e treme, em se aventurando um passo no labirinto das esferas, nas sombras dos nossos próprios subterrâneos... A mesma infinidade de hipóteses que, a respeito do quer que seja, se podem apresentar ao nosso raciocínio – o acaba por desorientar. Dominamos os engenhos, os aparelhos, dominamos em parte as forças da Natureza. Mais difícil, porém, nos é dominarmo-nos a nós, e de pouco nos serve reconhecê-lo! Muitas vezes, connosco ou uns com os outros, nos agitamos como cegos desvairados, falamos como doidos que as palavras traem, incapazes de apreenderem sequer a lucidez implicada na sua própria loucura...”

Na verdade, a condição do Ser individual intrincado que foge de si para outro *Eu* ou outros *Eus*, utilizando, para esse fim, um jogo de espelhos e de máscaras, representa uma temática inequivocamente Regiana embebida em dois grandes autores: Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro.

Paiva (2004: 201), embora visando especificamente um excerto do poema “Improviso Corrigido” de José Régio, reflete acerca desta influência:

“Claramente se reflecte aqui (e os exemplos nesta direcção poderiam ser facilmente ampliados) o pessoano jogo entre sinceridade e fingimento, e, além dele, a dualidade personalística que obsessivamente acompanha Sá-Carneiro ao longo de toda a sua poesia, e não só.”

De facto, José Régio absorveu tanto o jogo de alteridades, identidades, espelhos e máscaras de Fernando Pessoa, como o jogo entre vários *Eus* e vários *Outros* (con)viventes num só íntimo, de Mário de Sá-Carneiro. Todavia, José Régio, imbuído de tais influências, adjudica à sua literatura um cunho temático pessoal: na demanda do uso da máscara, do ser individual alterizado em outro(s) *Eu(s)*, valoriza a sua vocação para a sinceridade, individualidade e originalidade que tanto a caracterizam.

Em *Há Mais Mundos* demarca-se profunda e nitidamente a presença deste tema. De facto, em todos os contos desta coletânea visa-se o uso do espelho e da máscara, da fuga do

Eu para outros *Eus* e o consequente despoletamento das mais profundas sinceridade e originalidade que tanto caracterizam o ser humano individual: a tal “lucidez implicada na sua própria loucura”(Régio, 1973: 43) que a personagem de “Os Três Vingadores ou a Nova História de Roberto do Diabo” ponderava.

Neste momento, era pertinente cingir-nos a esta narrativa curta, todavia este não é o nosso objetivo. De facto, um outro conto desta colectânea se destaca pela acutilância conferida à exploração desta temática. Com efeito, – e falamos nós de “Os Alicerces da Realidade” – neste, o protagonista, conquanto dotado de uma certa complexidade denunciada logo no início, exterioriza progressivamente rasgos de demência mental, que resultam no despertar de um ser profundamente lúcido. Numa vivência onírica, acaba, portanto, por alterar-se, fugindo do seu *Eu* para outro *Eu* (ou outros *Eus*) em diversos contextos, de diversas formas, num jogo copioso de espelhos e de máscaras.

Justifica-se, deste modo, conhecer melhor a diegese e a personagem que ressaltamos neste conto. Deste modo, e concretizando este objectivo, passemos, então, a apresentar o “nosso amigo Silvestre” (Régio, 1973: 191), que assim nos é identificado(de forma cúmplice, pelo narrador).

Inicialmente descrito na diegese de “Os Alicerces da Realidade”, como um sujeito vulgar e pacato, apresenta-se assim um protagonista que desfruta de uma vida calma e rotineira, absorvida pelos seus passeios desacompanhados e por uma vivência solitária, ocupada pelos:

“(…) cuidados da sua colecção de selos, ou outras minudências com que se entretêm os solteirões. Porque Silvestre aposentara-se há uns meses, não era servido senão por uma velha criada de recados, e, desde que se aposentara, procurava encher a vida com uma série de pequenas ocupações calmas e simples.” (Régio, 1973: 195-196)

Esta vivência costumeira serena contrasta, todavia, com o principal elemento referenciador desta figura ficcional – o seu designador materializado no prenome “Silvestre”. De facto, neste se indicia que esta é uma personagem mais complexa do que aparenta no âmbito da respetiva apresentação e descrição. Com efeito, derivando do latim *silvestris*, cujo significado se concretiza em ‘de floresta, silvestre, coberto de florestas, arborizado’², “Silvestre”, serve de referencialização a uma personagem que acaba por se revelar

²Cf. José Pedro Machado, *Op. Cit.*, vol. III, p. 1349; F. Gaffiot, *Dictionnaire Latin Français*, 44^a ed., Paris, Hachette, 1990, p. 1442 e AAVV, *Dicionário de Latim Português*, «Dicionários Editora», Porto, Porto Editora, 1988, p. 1071.

psicologicamente densa, complexa, inexplorável e insondável. E esse aspeto é, mesmo, inicialmente sintomatizado pelo narrador, quando em Silvestre começa por demarcar uma invulgaridade inconsequente que lhe tinha sido diagnosticada desde muito cedo:

“Desde novo revelara Silvestre dons não vulgares de sensibilidade, imaginação, até inteligência, que certamente chegariam a ser notados, se tivesse podido adiantar os seus estudos.” (Régio, 1973: 192)

Acontece que gradualmente, e em dois episódios que marcam o início da diegese, Silvestre vai exteriorizando, mesmo, traços de compacidade que traduzem a latência de um estado de loucura e que anunciam um processo de alterização decorrente do mirar do espelho e do recurso ao uso da máscara, concretizando-se na fuga do *Eu* para outros *Eus*.

Assim, num primeiro episódio, aquando de um passeio pedestre solitário, acompanhando o muro de um cemitério até ao largo da sua casa, dá-se “a sua primeira revelação” (Régio, 1973: 192): Silvestre imagina-se a personagem principal de uma ilustração ou gravura singularizada pela irreabilidade cromática e de contornos deste tipo de elemento gráfico. E, conquanto que por um breve momento retorne à realidade e se aperceba do que experienciara, fugazmente retorna àquele estado onírico:

“Não obstante, de repente, por um momento, eis que tudo aquilo perdera a consistência da realidade: Era como se fosse um desenho, uma pintura, uma gravura, e ele próprio o herói duma ficção qualquer, vivendo uma história inventada não sabia por quem.” (Régio, 1973: 194)

Passada esta ocorrência alucinatória, Silvestre não volta a enfrentar uma situação similar, todavia um novo episódio patenteia, mais uma vez, rasgos de desvairo: uma noite, esta personagem acorda do sono profundo com uma frase que mental e obsessivamente é repetida por si: “A vida é um sonho”. Embora atribuindo esta ocorrência à recordação e repetição intelectual do título de um livro³, a personagem sente-se nitidamente afetada por ela. Então, o narrador faz alusão a um traço recôndito de existência de uma invulgaridade remota em Silvestre, pois que alude ao facto de que este já experienciara mais vezes este tipo obsessivo de despertar:

³*La vida es sueño* é o título de um drama filosófico da autoria de Pedro Calderón de la Barca, dramaturgo e poeta espanhol do séc. XVII.

“Mas já não era a primeira vez que, despertando a meio da noite, e nem bem sabendo ainda se efectivamente despertara ou continuava sonhando, a sua cabeça começava de trabalhar como um disco, e repetia obsessivamente certas coisas. Às vezes, uma frase rítmica mas tola ou infantil. Por exemplo: «Eu a casa ia não», «Velha, velha que maçada»; etc.” (Régio, 1973: 197)

Todavia, estes traços de loucura não vingam nestes aparentes e efémeros moldes; de facto, no episódio do jantar de despedida do ex-director, agrava-se. A complexidade que caracteriza Silvestre atinge, então, patamares que se coadunam com um estado de loucura e de alienação excepcionais, pois que brota na mente alienada desta personagem a duplicidade de um/“o *outro* Silvestre” (Régio, 1973: 202) que representa um ego mais profundo que analisa “um pobre Silvestre real” (Régio, 1973: 202).

Na verdade, neste episódio, Silvestre, sentindo-se desenquadrado – solteirão, insulado e pertencente a uma classe socioeconómica inferior – vê-se subitamente envolvido num ambiente distinto mundano e afetado, cheio de tiques sociais e protocolares e de preconceitos, visando apenas a colectividade oca, fútil; norteadada apenas pelo bem-estar e bem-parecer. Silvestre, embora agradado pela bonomia inusual do convite e do tratamento, por parte do ex-diretor (pois que as aparências assim obrigavam...), levanta-se, mas “abruptamente” (Régio, 1973: 201), com a intenção (ou não) de se despedir. Nesse instante, é sacolejado por um novo episódio de alienação: imagina-se num teatro rodeado por “títeres”, fantoches. No fundo, este é um espelhar da atuação falsa e afetada dos elementos da sociedade ali presentes:

“Toda aquela sala, por exemplo, não estava arranjada como uma sala de palco? As paredes não eram cenário? E aqueles grupos de gente que faziam, que diziam, com falsas palavras e falsos gestos sem peso, que não fosse comédia? Tudo uma ficção, na qual o senhor Diretor e ele tinham papéis de relevo: mas inverosímeis, inaceitáveis na realidade.” (Régio, 1973: 202)

Desta feita, a máscara de Silvestre não se concretiza num herói, como o da gravura, mas no de um “mau actor Silvestre” (Régio, 1973: 202), no palco de uma comédia, culminando a sua atuação na retirada súbita do jantar: na verdade, Silvestre sofrera uma explosão de riso incontrolável, gerada pela visão de um apontamento ridículo/um defeito físico que até ao momento ninguém assinalara na esposa do ex-diretor: um pequeno sinal no nariz, de onde saía “um pequenino cabelo retorcido, loiro” (Régio, 1973: 202).

O “nosso amigo Silvestre” reconhece, então, que estas suas alucinações são condenáveis e penalizadoras na sociedade circundante: uma sociedade norteadora de determinados padrões comportamentais coletivos e punidora daqueles que os não cumprem; daqueles que se individualizam e são originais. Por isso, esta personagem entende que deve ser avaliado por um médico, não obstante, rapidamente desiste da ideia. Com efeito, já é tarde, pois, avassalando-se ao lema e à vivência de que «A vida é um sonho» (197), a tal lucidez corrosiva, meticulosa e profunda desperta: “Mas há os pormenores. Há que ver o pormenor. Há as minúcias e os episódios. Ora nunca o nosso amigo Silvestre fora tão capaz de captar o episódio, e ver o pormenor!” (Régio, 1973: 206).

De facto, o poder e a lucidez de se conseguir alienar, de modo a observar o pormenor da realidade que o protagonista considera onírica, são então tidos como uma forma de sabedoria que não poderia nem deveria ser curada por nenhum especialista:

“Pois no sonho que todos andamos sonhando, em que se revelava a sua doença? Em saber que tudo, na vida, é inconsistente, falso, irreal, como nos sonhos sonhados dentro do próprio sonho da vida. Era esta sabedoria que ele iria pedir ao médico para curar? Era o desenvolvimento do senso do cómico, ou a atenção que propicia a visão do minúsculo, – relacionados com tal sabedoria?” (Régio, 1973: 207)

Mais: esta loucura tenaz que surge do íntimo do “pobre diabo dum Silvestre superficial, convencional, comum” traz consigo um novo/outro Silvestre:

“(…)um Silvestre profundo, que principiara a ver coisas novas; que, por vezes, se julgava no limiar de extraordinárias aventuras espirituais. Neste novo Silvestre, assim como nas ocultas camadas do chão pode fluir uma corrente subterrânea, que pode vir à flor da terra, se desenvolvia aquela frase já muito mais que uma frase: «A vida é um sonho. A vida é um sonho». Muito mais que uma frase!” (Régio, 1973: 205)

Assim, um *Eu* profundo imaginário — “o actual nosso amigo Silvestre”(Régio, 1973: 204), “um Silvestre de hoje” (*Ibidem*), ou simplesmente, “um Silvestre profundo” (*Ibidem*) — surge como uma força mental que estimula o pensamento e a criatividade de “um Silvestre de outrora”(Régio, 1973: 204-205), “um Silvestre superficial” (Régio, 1973: 205), gerando nele a ideia de que este último, agora um outro *Eu*— o ainda predominantemente referencializado como “o nosso amigo Silvestre” — estaria a vivenciar um sonho, com personagens que não são sabedoras (como ele) pois que não sabem que pertencem a um sonho e nele “vivem” a sua realidade ridícula.

Então, perante esta sociedade ignota, mas castigadora, cheia de tiques e de vícios coletivos, fútil e vazia, Silvestre perfilha uma atitude de troça: “Pois que haverá de mais cómico, mais próprio a despertar a hilaridade, que o espectáculo de toda esta aérea humanidade feita de nada, a julgar-se de grande peso?” (Régio, 1973: 206). E assim cultiva os habituais e tempestivos ataques de riso provocados por inúmeras personagens, nas suas formas de ser e estar na vida real que nada mais é que um sonho: o gesticular nervoso do vizinho mestre André alfaiate, um sujeito maldizente, de baixa autoestima, pretensioso, que nega o avanço da idade, projectando-se numa idade muito inferior à sua; a ridícula Senhora Rosa Quitéria, baixinha e roliça com um carrapito de cabelo negro no alto da cabeça (assemelhando-se a uma galinha), que se considerava numa invejável posição, pois que era a esposa respeitada de um polícia que lhe era fiel; ou simplesmente, os desconhecidos que entravam no Central, “os quadros-vivos da humanidade em que nos mexemos” (Régio, 1973: 211). De facto, “Nunca, decerto, o nosso amigo Silvestre se sentira tão inteligente (mas como pudera viver ele quase toda a vida numa bruta opacidade?) que pudesse chegar a esta espécie de levitação.” (Régio, 1973: 208-209)

E assim, um primeiro *Eu*, social, superficial e simples usou uma máscara, alterizando-se num outro *Eu*, individual, original e profundo que lhe possibilitava ter “os inconvenientes acessos de súbita hilaridade” (Régio, 1973: 209). Porém, num jogo de espelhos, acabou por deixar dominar-se inteiramente pela sua existência e presença. Então, este *Eu* profundo deixa de ser dominado, e passa a ser o dominador. Na verdade, agora é o *Eu* profundo passa a vestir uma máscara, a do *Eu* antigo, superficial, dotando-o de atitudes que já fugiam às simples divagações filosóficas e tocavam atos desconcertantes de vulgaridade:

“As maneiras, a linguagem, a conduta do nosso amigo Silvestre haviam evoluído consideravelmente; o que não deve ser motivo de pasmo, dado que também os seus pensamentos eram agora outros. Sim, por que não obedecer aos impulsos, aos instintos, aos sentimentos, aos caprichos, —aliás, até, por vezes justiceiros —se tudo o que fazemos nos sonhos nada é, fica em nada, tudo é sonho...” (Régio, 1973: 215)

Densifica-se, assim, esta personagem, caracterizada como inexplorada e inexplorável, como o próprio prenome anuncia.

Entretanto, há uma manifestação suprema do seu estado de loucura e da pluridade desta personagem. Partindo do pressuposto de que “Se tudo é, ou somos, sonho, nós e o resto, — nós e tudo que chamamos vida e realidade — alguém nos sonhou ou sonha, a nós e à

vida. Até aqui já Silvestre chegara: à hipótese dum primeiro e último *Grande Sonhador* de tudo.” (Régio, 1973: 216), esta personagem acaba por conhecê-lo:

“Silvestre viu-se; isto é, viu o *primeiro*[sublinhado nosso]Silvestre. Quero dizer que viu aquele autêntico Silvestre que o sonhava a ele, gerando a sua existência (aparência) só com estar dormindo e o estar sonhando; o qual *autêntico*[sublinhado nosso]Silvestre por seu turno não podia ter senão uma autenticidade relativa, uma flutuante realidade, pois também não dependia a sua existência senão do *Grande Sonhador*[sublinhado nosso]que sonhara ou sonhava tudo...” (Régio, 1973: 217)

“Uma tarde, ao chegar de fora depois dum dia esquisito (assim qualificava certos dias) Silvestre abriu a porta do seu quarto, deu dois passos, quando estacou súbito: Alguém estava deitado na sua cama. Era o lusco-fusco, por isso talvez Silvestre se não reconhecesse imediatamente. Logo no instante seguinte se reconheceu, e sem réstia de dúvida. Tanto mais que no quarto se fizera luz. Ora a luz tanto podia acender-se da cama, estendendo um pouco o braço, como à entrada do quarto. Silvestre não sabia qual dos dois a acendera. Tivera um choque violento e ficara com os olhos parados fixos em si mesmo que ali estava na cama, estirado, olhar por seu turno voltado para ele, isto é: para o *Silvestre número dois*[sublinhado nosso] que acabara de entrar. Assim frente a frente, os dois um só. (...) (Régio, 1973: 218)

Na verdade, segundo “o nosso Silvestre”, este espectro representava a origem, “o primeiro Silvestre”, ou seja, “o autêntico Silvestre” – “o *Grande Sonhador* de tudo”: aquele que criara, no seu sonho, um Silvestre atual, um “Silvestre profundo”, o “Silvestre número dois”.

Após este episódio revelador e intenso – esta epifânia– o nosso protagonista demente começa a transgredir, de forma agressiva e violenta, as regras da sociedade envolvente, sendo considerado perigoso e acabando por ir viver num hospício.

Concluindo: neste conto, explana-se, assim, a complexidade e a inexplorabilidade de um ser que, no seu estado de loucura, experiencia paralelos oníricos. Na demanda da lucidez, o vulgar, simples, pacato, ignorante, superficial e social Silvestre alteriza-se, criando outro *Eu*(o lúcido, intrincado, sábio, exuberante, profundo e individual Silvestre), que em vários contextos (o da imagem, o do teatro, o da vivência episódica em sociedade) assume um carácter plural. Num jogo de máscaras, veste o espectro da entidade superior, do deificado primeiro Silvestre, o “Grande Sonhador”: aquele que sonha e que cria os segundos Silvestres.

Na verdade, esta personagem não só veste a máscara, como a própria máscara veste-a a ela, num paralelo onírico que faz jus à famosa frase da personagem Próspero, em *A Tempestade* de Shakespeare: “Nós somos do tecido de que são feitos os sonhos”.

Referências Bibliográficas:

Lisboa, E. (s.d.). *José Régio ou a Confissão Relutante: Estudo Crítico-Biográfico e Antológico*. Lisboa: Edições Rolim.

Poppe, M. (1999). *José Régio e a Vocação da Sinceridade*. Vila do Conde: Edição do Círculo Católico d'Operários de Vila do Conde.

Paiva, J. R. (2004). "Há Mais Mundos – O Fantástico e o Alegórico em José Régio". *Boletim Centro de Estudos Regianos*, 12/13, 197-203.

Piva, L (1975). *José Régio - O Ser Conflituoso*. Brasília: Clube de Poesia de Brasília, 1975.

Régio, J. (1973). *Há Mais Mundos*. Porto: Brasília Editora.

Ribeiro, Á. (1969). *A Literatura de José Régio*. Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural.